16
PO 9412 ...

HISTORIA DE

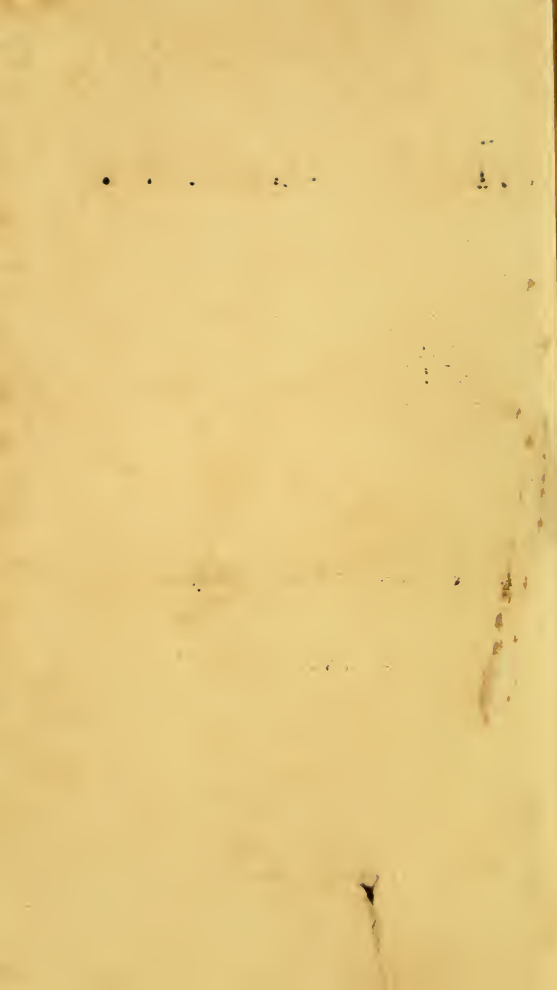
JOÃO E BALBINA

DOIS NAMORADOS NA
ILHA TERCEIRA,
FALLECIDOS AMBOS
NO MESMO DIA.

POR

M. V. C. FIGUEIRA.

VENDE-SE NA

LIVRARIA PORTUGUEZA.
143 Acushnet Ave. New Bedford, Mass.

João e Balbina

Em nome da bemdita hora,
Em que começo esta scena,
Não desejo que me falte
Nem ideias nem a penna.

E trabalho mui difficil
Para pouca intelligencia,
Mas cada um diz o que sabe,
O que dita a consciencia.

Posso eu ver scenas alegres
E o seu todo admirar,
Assim como vel-as tristes,
Suas causas censurar!

Passam cousas n'este mundo
Que admiram e que assombram,
De que alguem faz pouco caso,
Muitas vezes d'ellas zombam!

Deus é um Ente supremo
Que não deixa d'existir,
Áquillo que destinou,
Ninguem poderá fugir.

Se esse Deus todo pod'roso
A qualquer destina a sorte,
E durante a vida escapam,
Tem-na então depois da morte.

Não haja ninguem no mundo,
Nem sabio, nem ignorante,
Que queira tirar a sorte
A uma pessoa d'oravante.

É um facto muito sério
Que no mundo elles praticam,
Choram logo o mal n'essa hora
E a chorarem sempre ficam.

Amor, sentimento santo,
Que chega quasi a delirio;
Que aos jovens e ás donzellas
Se transforma no martyrio.

Se a verdade saber qu'reis
Escutae, estae attento,
É um caso interessante
Succedido já ha tempo.

Dois entes se amavam tanto,
Até mais não poder ser,
Era um amor puro e santo,
Qu'rendo um por outro morrer.

Nem por um lado nem d'outro
Os pais queriam o consorcio,
Todos os dias trabalhavam
P'ra trazerem o divorcio.

Mas o rapaz era firme,
Como a esposa tambem era,
Que o pae mude de tenção
Com paciencia espera.

Ella que com a familia
O mesmo ou peor passava,
As lagrimas a correrem
Tudo ao mancebo contava.

Este quando tudo ouvia,
Em tão triste narrativa,
Dizia: "Tu és uma martyr,
Eu não sei como estás viva!

—Tu és victima como eu
Da ira de nossos paes;
Soffrerei com paciencia,
Vê se soffrendo isso vaes.

—João, tu tem dó de mim.
Vê se allivias esta cruz;
Attende este grande amor
Pelas chagas de Jesus.

—Ó filha desta minh'alma,
O que queres que te faça?
Inda não fui ao castello . . .
É uma grande desgraça!

—Tu, se lá sentares praça,
Esse tão grande tormento
Será p'ra mim mais que forte:
Não viverei muito tempo.

És meu unico thesouro,
Arco do meu grande amor,
A vida de nada serve
Se amargurada de dôr.

Oh! de joelhos te peço
Que peças a minha mão:
Meu pae é meu bom amigo
Elle não dirá que não.

—Do castello liquidado
Eu tudo isso te farei;
Se fôr antes . . . acredíto
Que má resposta terei.

—Talvez não tenhas, João,
Isto diz-m'o coração;
Porque meu pae me quer muito
E não te dirá que não.

—Estás enganada, estás,
O teu amor não tem mão;
Sem elle, verias depressa
Que elle me vae dar um não.

—Certamente não sab'rás.
Se tu nunca me pedires;
Bem vês, p'ra me offerecer,
Era negocio p'ra rires.

O que queres é deixar-me,
Como toda a gente diz;
Serei o brinco de todos,
Desgraçada e infeliz.

Repara então p'ra João,
Vê as lagrimas brotar;
—Porque choras tu, amor?
Oh! não me façaș chorar!

—Balbina, choro por vêr
Que em mim tu não queres crêr,
Pensas que sou um infame
Ou então um cruel sêr.

E's a vista de meus olhos,
O sonho do meu amor;
Por isso, me custa immenso,
Balbina, tamanha dôr!

Não me tornes a dizer
Que quero, sejas inf'liz,
Porque Deus é testemunha
Quanto quero sejas f'liz.

Minha mana me vigia
Em casa e pelo caminho;
Cada vez te quero mais,
Eu não sei o que advinho!

Espera que deixe, filha,
O castello da fortuna,
Então Deus permittirá
Que a gente um ao outro se una.

—Esperaria eu vinte annos,
João, p'la tua companhia,
Se tivesse boa certeza
De ser tua sequer um dia!

—Espera por mim, Balbina,
Não me percas do sentido;
Deus permittirá, sim, crê-o,
Que serei o teu marido.

—Visto que queres que espere,
Eu digo-te já que sim;
Oh! quero tambem ser tua
Para seculos sem fim!

E mal sabia a Balbina,
Quando com esta porfia,
Que dentro de pouco tempo
Se cumpria a prophecia!

—Se fôres para o castello,
Eu nunca te hei de esquecer;
Adeus, meu querido amor,
Breve nós nos vamos ver.

—Adeus, querida Balbina,
Amor do meu coração;
Levo este feito em pedaços
Com esta separação.

—Quando me aparto de ti,
Sinto a coragem fugir . . .
O' Virgem Santa, auxilia-me
P'r'um dia a gente se unir!

Tanto chorava a Balbina
Como chorava o João,
Năo era isso para menos,
Para quem sente paixăo.

Mas eis que a măe apparece,
Tudo então emmudeceu,
Era a trovoada em furia,
Tanto um como outro tremeu!

Investe a măe para a filha,
Toda desorientada,
E, sem saber o que faz,
Joga-lhe uma bofetada . . .

O namorado vendo isto,
Até verde se tornou;
E virando-se p'ra măe,
D'esta sorte lhe fallou:

—O mau trato que lhe daes
Para mim è um tormento;
Agradecei pois a Deus
Quanto eu agora me aguento ! . . .

—Năo quero que ella te falle,
E principalmente agora;
Eu sei que és um bom rapaz
Mas breve te vàs embora!

—Senhora, eu quero casar,
Do castello ao sahir;
Por isso vos digo já
Que Balbina vou pedir.

—Não temos que te dizer,
Tuas acções não são feias;
Só não queremos que illudas
O sangue de nossas veias.

Teu pae diz a toda a gente
Que não esposas Balbina;
Portanto, vê, se assim fosse,
Ficaria muito mofina.

Ora, quando ouço estas cousas,
Fico nervosa, rapaz;
Por isso vae-te com Deus,
Deixa-me a pequena em paz.

Balbina desappar'cera,
Alva como o panno branco,
Sentindo que o namorado
Não fallasse à mãe mais franco.

Quando a mãe chegou a casa,
Depois de deixar João,
Balbina logo ajoelha
E á mãe pede perdão.

—Està tudo perdoado,
Não te quero ver chorar;
E's a vista dos meus olhos,
Nada te posso negar.

Qu'rendo tu casar com elle,
E o pae d'elle não se importe,
Cá nós que te amamos muito
Não te tiramos a sorte.

—Minha mãe, dòe-me a cabeça,
Ai que tanto me incommoda!
Oxalá que isto não seja
D'estas doenças da moda . . .

Não me importa de morrer,
Se o João fôr p'ro castello,
Tal volta me matará
Sem facca nem de cutello.

D'ahi a mui poucos dias,
Em Balbina febre havia,
Indo de mal a peor,
'Té que chegou a agonìa.

O João, que triste andava,
Até mais não poder ser,
De paixão foi para a cama,
Par'cendo muito soffrer.

Elle doente, ella mal,
Qual d'elles muito peor,
Da febre intensa e maldita,
Nenhum parecia melhor.

Foi a doença augmentando
Nos dois esposos queridos
A chegarem a tal ponto
De perderem os sentidos.

Já não iam a casa d'elles
As visitas visitar
Que os esposos, um pelo outro,
Não ousassem perguntar.

Para não os affligirem,
Diziam-lhes : "Estão melhores;
Quando de dia para dia
Estavam muito peores.

—Eu não me levanto mais,
Dizia o João agora;
Porém, querida Balbina,
Deus te dê grande melhor.

P'ro batalhão jà não vou,
Só para os dos pès bem juntos;
Para a terra da verdade
Onde tenho avós defunctos.

Balbina tambem dizia
A' visita que lá ia:
—Nem eu nem João escapa;
Isto é que é uma agonia!

E minha maior doença
E' saber que está doente;
Estivesse elle sadìo
Que eu sarava de repente.

—Perguntou por ti, Balbina,
Eis a sua voz primeira;
Não pode haver n'este mundo
Ente que mais te queira.

—Quero saber de João,
E' o que a todos eu peço;
Tenho-lhe um amor tão forte
Que já passou a excesso.

Nunca mais vejo João,
Da morte jà tenho o véo;
Agora só peço a Deus
Que nos una lá no ceo.

Eu sei que elle me quer bem
E que eu era o seu enlevo;
Vou deixal-o cá sosinho,
Mas no ceo esperal-o devo!

Depois começa a variar,
As côres logo a fugirem ;
Chamaram então o padre
E a Uncção para a ungirem.

Desde aquella hora tão triste
Só tristeza é que se via,
Na bocca da boa Balbina
Sò João, João, se ouvia.

Vinha o padre c'o a Uncção,
Como grande dever tinha,
Encontra o pae de João :
Tambem Uncção buscar vinha !

Parece que os dois esposos
Por Deus eram protegidos,
Porquanto, na mesma hora,
Queriam ser ambos ungidos.

De facto, ungida a Balbina,
Em seguida foi João ;
Atè n'esse sacramento
Qu'ria Deus sua união.

Choravam os paes e as mães,
Todos que estavam de fóra,
Por ser igual a doença
E ungidos á mesma hora.

A febre era tăo ardente
Que da tinta lhes deu côr,
Enchendo todos de magua,
D'uma cruelissima dôr.

As amigas de Balbina
Todas ao pé d'ella estavam,
Seus lenços não ensopavam
As lagrimas que choravam.

Diziam umas para as outras,
C'os soluços na garganta :
—A Balbina morre à gente,
Que pena, que era uma santa !

E diziam, quando a beijavam :
—'Stà fria como o próprio chăo !
E recuavam, chorando,
Com a dôr no coração.

Balbina, que as via sahir,
Dizia, mostrando um sorriso :
—Adeus, queridas amigas,
'Té o grande dia de juizo !

Nunca mais bailo nem canto
Nas festas d'Esp'rito Santo;
Mas cantarão vocês todas,
De quem eu gostava tanto.

Adeus, ó mundo d'enganos,
Tu és uma cruel chamma;
Tu queimas sem piedade
Aquelle que em teu seio ama !

Pois o João e a familia,
E os amigos que chegavam ?
Não ha bocca que relate
O quanto todos choravam !

João, mesmo no delirio,
Disse a todos em geral :
—Perdôem-me, de caridade,
Se lhes eu fiz algum mal . . .

E ainda quer fallar mais,
Mas, coitado, não atina.
Apenas se percebeu :
—Perdão, oh perdão, Balbina !

Tinha chamado p'la Virgem,
Pelo Senhor Santo Christo,
Com a dôr mais penetrante
Que em taes horas se tem visto.

Olhava em volta da cama
E como quem procurava,
Mas não via o que queria,
E por instantes chorava.

Depois ficou em seu juizo.
Oh! que scena se passou !
Chamou pae, mãe, familia . . .
Com todos se perdôou !

—Meu pae ha de perdoar-me
Offensas que tem de mim,
Que eu vou de si apartar-me
Para seculos sem fim.

—O' filho, não digas isso,
Não me acabes de matar;
Antes Deus a mim me leve
Do que de ti me apartar.

—Minha mãe, venha p'raqui
Beijar seu filho João,
Quero pela ultima vez
Beijar-lhe essa sua mão.

Abraça-se a mãe ao filho,
Porèm, cáe desfallecida;
Presa de uma grande syncope
Ninguem lhe julga já vida.

O pae estava pasmado
Ante a commovente scena;
Depois se desfaz em pranto,
Causando a todos gran pena.

O que fôr pae que avalie,
Vendo um filho n'este estado,
N'aquella hora dolorosa
O que se teria passado !

O pae e a mãe não morreram,
Naquella tremenda hora,
Porque à morte de Jesus
Não morreu Nossa Senhora.

Os amigos que lá iam,
E os mais que estavam presentes,
Não sahiam de lá p'ra fóra
Que não viesse... doentes.

Pois os que viam a Balbina
E todos que a visitavam,
Sahiam de lá c'uma dôr
Que cuidavam que estallavam.

O dia em que esta martyr
A todos perdão pediu,
Foi um dia amargurado ;
De todos se despediu !

—Adeus, meu pae, dizia ella,
A quem os pês eu lavava ;
Com que carinho e amor
Esses pés eu enxugava !

Decerto nada fazia
Além de meu bòm desejo,
Mas inda assim recebia
Em paga sempre o seu beijo.

Ao olhar então p'ra mim,
Par'cia presentir-me a morte:
—Filha do meu coração,
Dizia, que tenhas boa sorte!

Vós perguntaveis por mim
Quando a casa chegaveis,
E emquanto eu não appar'cia
Vós, meu pae, não descançaveis.

Depois eu vos procurava
Para vossas ordens ter,
E, cuidadoso, dizieis:
—Apenas te queria ver!

Venha p'raqui, minha mãe,
Cunhado, mana e sobrinhos,
Vou despedir-me de si
Visto que estamos sósinhos.

Faça ideia quem isto lê
Do que n'est'hora ahi vae;
Foram cousas tão amargas
Que no olvido jamais cae.

Veiu a mãe e veiu o genro,
Tambem a irmã querida;
Vieram sobrinhos, todos,
A' ultima despedida.

—Vinde cá, ó mãe querida,
De chamar-vos escusei,
Perdoae-me, mãe d'est'alma,
Desgostos que vos causei.

Vós tinheis muita razão,
Quando me reprehendieis,
Eu nunca me casaria,
Parece que o presentieis!

Perdão, pois, ó minha mãe,
Do coração, bem do fundo;
Mostrae-vos sempre benigna,
Para eu ser f'liz n'outro mundo.

—Não mais falles de tua morte,
Filha do meu coração;
Bem sabes que és nosso amparo,
A nossa consolação !

—Adeus, ó irmã querida,
Perdôa pelo amor de Deus
Erros que comtigo tive,
E tambem perdôo os teus.

Erros que entre nós se davam
E è justo acontecessem,
Não me querias mal, bem sei,
Não querias me escarnecessem.

Vinde cá, ricos sobrinhos,
Despedir de vossa tia;
Talvez qu'inda a procureis
E não a acheis qualquer dia.

Abraçae a vossa tia,
Qu'ella não tem sido ruim:
Ella não apega a febre,
Ninguem m'a pegou a mim.

Não ha sobrinho, não ha,
Que logo p'ra tia não corra,
Pedindo a Nossa Senhora
Que sua boa tia não morra.

Os petis gritavam tanto
Que par'ciam indoidecer,
Os avós, paes, mães e todos
Mui tiveram de temer.

Ella tinha uma afilhada
Que depois ficou sosinha.
Pedira ao pae e à mãe
P'ra ficar com a madrinha!

—Oxalá que Deus te ouvisse,
Que tu fosses e mais eu,
Pois que seria bem feliz
Quem tão infeliz nasceu.

Vou dar-te mais um abraço,
O' triste e pobre andorinha,
Para tu, quando eu morrer,
Rezares por tua madrinha.

Se queres bem á madrinha
Como ella a ti te queria,
Lembra-te dos seus afagos,
Reza-lhe uma Ave-Maria!

Se fizeres, afilhada,
Quanto eu a ti te pedir,
Como és ainda innocente,
Deus, certamente, ha de ouvir.

Paes e mães, que me escutaes,
E filhos dos que nomeio:
Deus vos livre da desgraça
Que a estas duas casas veio.

E' tristeza para todos,
'Tè p'ra propria visinhança;
Casos que fazem pasmar
E ficam sempre em lembrança.

Ainda se aqui ficasse
Esta triste e negra sorte,
Com calma se soffreria;
Mas é que chegou a morte!

Iam ambos enfraquecendo,
Quem chegava melhor via,
E para mais abysmar
Morreram ambos n'um dia!

Uma semana os prostrou,
E no mesmo tempo ungidos,
E mui perto da mesma hora,
Pela morte são unidos!

Em principios de novembro,
Começando n'esta ponta,
O esposo de Balbina
Deu a Deus a sua conta.

Na tarde, pelas quatro horas,
Foi o João dado á terra;
Acabaram-se os cuidados
De quem lhe promovia guerra.

Foi tamanha a dôr da mãe,
Que, coitada, no chão cáe,
Não tendo, não, differença
A angustia do pobre pae.

—Filho do meu coração,
Gritava o pae angustiado;
Tu eras o meu futuro . . .
Agora, tudo acabado!

Deus, nosso Senhor, levae-me,
Dizia a mãe a gritar,
A morte d'este meu filho
E' p'ra gente ambos matar.

João era bem criado,
Usava de cortezia;
Deu pena à sua familia
E a toda a freguezia.

A visinhança que o diga,
Pois antes lhe dá a palma;
João era bom rapaz,
Respeitava toda a alma!

O pae qu'ria áquelle filho
Como os mais querem aos seus,
Em toda a parte dizia—
Que não o merecia a Deus.

E p'ra prova da verdade,
Interroguem os d'além,
Que elles dirão, não ha duvida—
Melhor alma ninguem tem!

Desculpae, pae do João,
Vosso filho conheci;
Deus è justo, quiz leval-o,
Por elle ser bom p'ra si.

Não choreis, pae nem mãe,
Essa falta do rapaz;
Era bom, Deus o levou,
Elle bem sabe o que faz.

Talvez aqui, no Biscoito,
Não houvesse um outro igual;
Não é dito só por mim,
E' corrente sem final.

E Balbina, sua noiva?
O mesmo ou peior soffria.
Morreu ás nove da noite,
D'aquelle tyranno dia.

Lá, na casa de Balbina,
Gran' terrores se passavam;
A morte dos dois esposos !
N'outra cousa não fallavam.

Admirava os letrados
E mesmo os proprios sabios,
De ter Balbina expirado
Com o João nos labios.

Foi, assim, um dia de juizo
Pelos chòros que ali houve;
Ajuntou-se tanta gente
Que na casa ella não coube!

Gritava o pae como a mãe,
E os mais que estavam de fóra;
Era p'ra morrer de dôr
Quem chegasse n'aquella hora.

O pae rouco de gritar
Nem falla se lhe entendia,
A pobre mãe p'r' outro lado
Já nem dar um ai podia.

—Tinha só aquella filha,
Solteira, n'esta choupana,
Era espelho onde me via
Ao domingo e de semana.

Eu chegava da cidade,
Já não tinha mais pensão,
Arrumava-me a carroça,
A' mula dava a ração.

Depois, lavava-me os pés,
Quase sempre acontecia;
Mas Deus quil-a para si . . .
Talvez não a merecia!

Foram vestir a Balbina
Toda aquella comitiva,
E achavam-na tão bonita
Que parecia estar viva.

Deram-lhe as melhores roupas,
Mandadas do pae e mãe;
Um véo que chegava aos pés,
E que ficava tão bem !

Depois foi posta na eça,
E ao lado um cravo goivo ;
Assim par'cia uma noiva
Que esperava p'lo seu noivo.

Depois d'estar tudo prompto,
Como era o seu parecer,
Estava tudo agourando
O que havia de aconteeer.

Foi um caso interessante
O que então se deu depois.
Par'ceu o dedo de Deus
Que unia ambos os dois.

Logo foram dois esquifes:
A tumba e mais o caixão
P'ra levar os dois esposos
A enterrar no frio chão.

Pareceu um dia de juizo
Este enterro aos habitantes;
Nem podia deixar de ser
Mesmo para os circumstantes.

A gente foi para cima
Deixando o caixão á porta
Da Balbina, que esperava . . .
Como isto o coração corta!

Foram buscar o João,
A quem tudo acompanhou;
E todos os que lá foram,
Cada um lagrimas chorou.

Lá pela rua dos boiões,
Viu quem estava presente,
Se cahisse um alfinete
Era em cima só de gente!

Quando o trouxeram p'ra fóra
Pae e tudo acompanhava;
O pranto que o pae fazia
O coração estalava.

—Adeus, oh pae de nós todos,
Pelo pae foi proferido,
Eras a paz d'esta casa,
Em todo o sabio sentido!

Adeus vista de meus olhos,
Esteio onde me encostava;
Apartar-me já de ti,
Eu nunca o pensava !

Do pranto da mãe não fallo,
Todo quero supprimir;
Decerto não encontrava
Palavras p'r'o exprimir.

O pranto que todos fizeram,
A todo o ouvinte arrocha,
Commovia o coração
Inda que fosse de rocha.

O enterro veiu p'ra baixo
'Té casa do tio José,
Foi gritos e convulsões . . .
Ninguem se sustinha em pé !

João espera a Balbina
Como noiva p'ra casar;
Foi aqui o grande choque
Que a todos quiz acabar.

Eram grandes e pequenos
Tudo em alta gritaria,
Eu mesmo que vi a scena
Julguei morrer n'esse dia !

Sahe a Balbina p'ra fóra,
Para junto do esposo;
Ai ! os gritos que ali houve
Contal-os será custoso !

Vieram o pae e a mãe,
Todos os parentes seus,
Dizendo a bons altos gritos:
—O' Balbina, adeus, adeus !

A mãe, com um grande pranto,
Dizia, de todos ouvido,
Que a filha amasse a João
Jámais tinha prohibido.

—Ah! quem tivesse sonhado
Que Deus qu'ria tal união ! . . .
Perdôa-me, Balbina, sim ?
Perdôa-me tambem, João !

Os que ouviram estas phrases
De dôr foram logo ao chão;
Nem é isso para menos,
Quando taes casos se dão.

D'unil-os tinha João
A Deus nas grandes alturas,
Porque só elle é pod'roso,
Só elle uue as creaturas.

Mortos juntou-os o padre,
N'isto não ha que dizer,
E na campa lá estão
Como devia assim ser.

Quem pensar bem em tudo isto,
Creio que não fará mal;
Pois verá que na Terceira
Não houve caso igual.

Sem duvida os destinou
Deus para uma feliz sorte;
Não, decerto, n'esta vida,
Mas depois da sua morte.

Nem os paes d'um nem os d'outro
Tinham tido que dizer,
Era um simples caprichinho
P'lo do primeiro não qu'rer.

Paes e mães que isto escutaes,
E a quem eu não contemplo;
A escolha a vossos filhos!
Vêde-vos vós n'este exemplo.

Vosso parecer dareis só,
Como é vossa obrigação;
Elles escutar-vos-hão
Conforme seu coração.

Desculpae-me este conselho,
Tende vossa complacencia,
Embora isto desagrade,
Tende santa paciencia.

Ninguem pode ter a mal
Que uma mãe castigue a filha;
Mas não por se ennamorar
D'um filho da propria ilha.

Se quem estima a seus filhos
Não quizer que o escarneçam,
Deve comtudo ver isto,
Qu'outras razões não conheçam.

Sabemos que algumas vezes
Elles se vêem transviar;
Mas um conselho a bom tempo
N'esse andar os faz parar.

Sim, é preciso respeito
Dos filhos aos sup'riores;
Aliás, mais tarde causam
Aos paes e mães dissabores.

Emendae, pois, vossas casas.
Mas com boas fallas da boca,
Que nas éras actuaes,
Toda a prudencia é pouca.

A gente que joga as cartas
Quer fazer todas as vazas;
Porém não vê que tudo isso
Arruina as suas casas.

Estou chegado ao fim já
Da minha historia real,
Por isso vou terminal-a
Antes que vos cause mal.

Não era, não, meu intento,
Fazer historia sentida;
Era apenas narrar um facto
Que igual não vi em vida.

Adeus, paes, e adeus, mães
Da freguezia habitantes;
Sêde para vossos filhos
Uns bons paes e bons amantes !

Desculpae tambem os erros,
Pedir-vos isto me cabe;
Os maiores letrados erram
Que fará quem mais não sabe.

M. V. C. Figueira.

FIM.